

Instituto de Pesquisas Sociais Euclides da Cunha



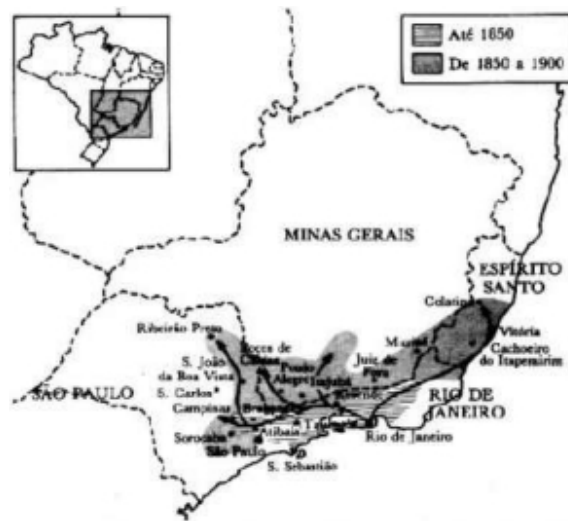
História da Semana Euclidiana

Introdução



Euclides da Cunha, referência obrigatória quando se faz menção à cultura brasileira, morou na casa sita à Rua Marechal Floriano, 105, em São José do Rio Pardo, com sua família de 1898 a 1901, deixando na cidade marcas profundas...

Aspectos Econômicos



(Fonte: José Dantas, História do Brasil, p.133)



A expansão do café pelo interior de São Paulo

Vamos cogitar de um tempo em que a expansão cafeeira estava em avanço pelo interior de São Paulo e Minas Gerais impondo-se alavancando a economia nacional.

Estradas de ferro em São Paulo, 1900.

Aspectos filosóficos



Tempo de orgulhoso positivismo, com algumas certezas, inclusive estampadas na Bandeira Nacional. A república recentemente proclamada sentia-se ainda insegura com respeito a rumores de "focos" monarquistas no interior...



Euclides da Cunha, neste contexto, fez a cobertura dos derradeiros momentos da Guerra de Canudos em fins de 1897, a pedido do jornal "O Estado de S. Paulo". Seu trabalho cultural face aos problemas sociais brasileiros marca nossa nação desde o seu berço republicano.

Motivo da vinda a São José do Rio Pardo



A queda de uma ponte metálica que visava facilitar o escoamento do café produzido à margem esquerda do rio Pardo em direção da estação da Mojiana que passava por São José do



Como a obra dura quase três anos, Euclides transfere-se com a família para a cidade, residindo na casa sita à Rua Marechal Floriano, 105, hoje Casa de Cultura Euclides da Cunha. Ao tempo, sua família restringe-se

Rio Pardo faz com que Euclides, então trabalhando no Departamento de Obras Públicas do Estado de São Paulo, venha para a cidade com a finalidade de supervisionar as obras de reconstrução da ponte em terreno mais firme poucos metros acima de onde se encontrava. A obra toma quase três anos.



A fim de dedicar-se mais acuradamente ao seu trabalho - tanto a reconstrução da ponte quanto a sistematização do livro "Os Sertões" - Euclides ordena a construção de uma cabana de zinco e sarrafos próxima ao local das obras.

a Euclides da Cunha, à esposa e a dois filhos. Seu terceiro filho, o rio-pardense Manuel Afonso, nasce em janeiro de 1898.



Inaugurou-se a ponte em 18 de maio de 1901. Anualmente é celebrada esta data no município e rememora-se o excepcional escritor e engenheiro Euclides da Cunha.

A placa de bronze afixada na lateral da ponte em 1986 afixa os dizeres:
 "Patrimônio histórico. Tombada pelo CONDEPHAAT em 30/05/1986"



Os Sertões



Primeira edição de "Os Sertões" em 1902, esgotada em poucas semanas. Este exemplar foi oferecido à Casa Euclidiana pelo escritor Cassiano Ricardo.

Valia-se de suas anotações de campanha para dar forma final a "Os Sertões" enquanto supervisionava a reconstrução da ponte metálica sobre o rio Pardo. Os rio-pardenses, em geral, são capazes de reflexões sobre o bio-bibliografia euclidiana a qualquer momento.

Concluído o trabalho da ponte, é promovido e vai para Lorena, de onde acompanha a primeira edição de ["Os Sertões"](#), só se tranquilizando quando recebe o comunicado dando conta que o livro estava pronto, o que acontece via postal, em fins de 1902. Tendo em vista o primor de seu trabalho cultural e

a proximidade histórica dos eventos ali narrados, Euclides atinge súbita e imortal notoriedade sendo eleito, já no ano seguinte, para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e para a [Academia Brasileira de Letras](#).



Clique aqui para ler ["Os Sertões"](#)

A Cabana de Zinco



o interior da Cabana de Zinco, a banqueta e a mesa utilizadas pelos filhos da Cunha enquanto trabalhavam na "Os Sertões" e acompanhava a construção da ponte.



Aquela bandeira brasileira foi colocada no interior da Cabana de Zinco no início do século e retirada a 15 de agosto de 1998, permanecendo na Coleção Euclidiana.



Cumpre ressaltar que a Cabana de Zinco, protegida desde 1928 por uma

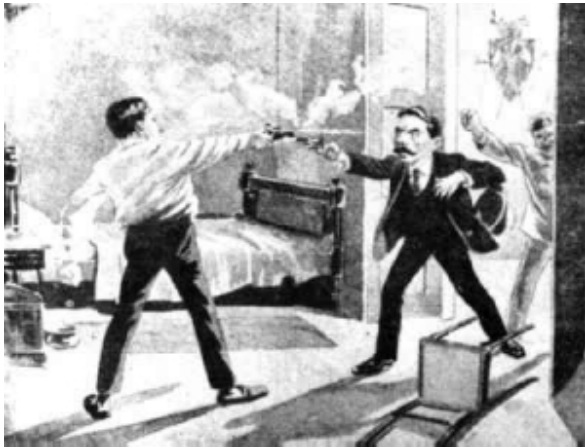
redoma de vidro, é monumento histórico nacional desde 1937. Numa das placas ali afixadas pode-se ler: "Monumento nacional incorporado ao acervo do patrimônio histórico e artístico nacional" (decreto-lei federal nº 25, de 30/11/1937)

Vista do interior da Cabana de Zinco hoje



Podemos ver preservadas a banqueta e a mesinha onde, reza a tradição Euclides da Cunha escreveu o livro "Os Sertões". Em São José do Rio Pardo optou-se por preservar objetos originais. Também pode-se ver a Bandeira Nacional trazida da terra natal de Euclides da Cunha e incorporada à Cabana na solenidade do dia 15 de agosto de 1998. Presente da municipalidade de Cantagalo à São José do Rio Pardo.

A tragédia da Piedade e o nascimento da Semana Euclidiana



Em 1909 é aprovado, por concurso público, para o tradicional Colégio Pedro II onde, por poucas semanas, exerce efetivamente a cátedra de lógica. Em agosto, procurando desagravar a honra doméstica atingida, tomba morto dia 15 no Rio, precocemente, aos 43 anos de idade.



A morte de Euclides da Cunha deixa seus ex-alunos, muitos amigos e admiradores profundamente indignados. Passam a encontrar-se e reunir-se com maior periodicidade, chegando mesmo a criar o Grêmio Euclides da Cunha no Rio de Janeiro em 1916.



A Semana Euclidiana realiza-se em São José do Rio Pardo desde 1912. A primeira manifestação pública ocorre quando um grupo de admiradores e amigos de Euclides da Cunha desloca-se até a Cabana de Zinco no dia 15 de agosto, ali prestando uma homenagem ao amigo ausente, num gesto, como dizia Alberto Rangel, de "Protesto (contra a impunidade do assassino do escritor) e adoração (à sua vida e ao seu trabalho)"

Inicialmente rememorava-se Euclides da Cunha em São José do Rio Pardo somente a 15 de agosto. Na década de 30 o "Episódio Republicano", ocorrido na cidade a 11 de agosto de 1889 foi agregado ao evento. Em 1940 ocorreu a sistematização definitiva da Semana Euclidiana: 9 a 15 de agosto. Em com tendência a expandir-se cada vez mais! A comunidade rio-pardense está mobilizada dentro do euclidianismo 365 dias por ano.

Um folheto anunciando o

"Dia de Euclides da Cunha"



Aquela primeira manifestação, que tem-se repetido anualmente no dia 15 de agosto, mostrando uma tradição muito bem estruturada, é o núcleo, o cerne da Semana Euclidiana. Desde 1925 lei municipal estabelece feriado 15 de agosto - "Dia de Euclides da Cunha". Das primeiras reuniões anuais, sempre acompanhadas de conferências proferidas por pessoas renomadas que em seus discursos fazem referência à vida e à obra de Euclides da Cunha, pouco nos restou hoje senão escassas fotos, anotações e muita memória. Nomes esparsos de pessoas que, verdade ou lenda, teriam passado por São José do Rio Pardo naquelas primeiras manifestações podem ainda ser encontrados em São José, na Casa Euclidiana. Até o ano de 1932, portanto, somente o dia 15 de agosto foi o centro da memória de Euclides da Cunha em São José do Rio Pardo.

Traços do gigantesco monumento histórico construído ao longo dos anos pela comunidade rio-pardense.



Medalhão em bronze, com a efígie de Euclides da Cunha

Próxima à Cabana de Zinco está uma peanha numa tonalidade que lembra o solo agreste do sertão. Nela se fez afixar um medalhão em bronze com a efígie de Euclides da Cunha. Presente do jornal **"Estado de S. Paulo"** à municipalidade em 1918, pode-se ler a auto-descrição: **"MIXTO de CELTA, de TAPUIA e GREGO..."**

Hotel Brasil

Em agosto de 1889, o entusiasta republicano Francisco Glicério com um grupo paulista. A reunião foi permeada por "conselheira"; o grupo saiu em comitiva da câmara e da cadeia, hoje "Museu de Arsênio Frigo", ali hasteando a bandeira republicana. Dia seguinte tropas militares reprimiram os revoltosos que, três dias depois viam a implantação da república no Brasil. O "Episódio de 1889" é comemorado todos os anos na cidade de São José do Rio Pardo em frente à janela histórica do Hotel Brasil, com a presença de autoridades, estudantes e entusiastas do pioneirismo rio-pardense.



O Mausoléo, onde jazem os corpos de Euclides da Cunha e de seu filho

Em 1982 os restos mortais de Euclides da Cunha e de Euclides da Cunha Filho (Quidinho) foram trasladados do cemitério São José do Rio Pardo, no Rio de Janeiro a São José do Rio Pardo. Era prefeito o Dr. Richard Celso Amato. Ao alto pode-se ler um desabafo do autor para seu amigo Francisco Escobar - prefeito em exercício da cidade no mesmo tempo em que aqui esteve: "Que saudades do meu escritório de zinco e sarrafos da margem do rio Pardo..." A composição do Mausoléo inclui a Metálica, Cabana de Zinco, Medalhão e o Mausoléo onde repousam os restos de Euclides e de seu filho está no Recanto Euclidiano e é visitado anualmente por milhares de pessoas.

Rio-pardense "Arsênio Frigo"

As Romarias Cívicas de São José do
Aíam da "Casa de Câmara e Cadeia"
da Cabana de Zinco, sempre a 15 de
édio, "Museu Rio-pardense" desde
prefeito à época o sr. Sílvio França
local onde mais se tem esmerado em
memória da cidade. Contando com
um só tempo curioso e precioso do
ta cultural (livros, objetos antigos da
s de vinil, etc.) anseia por
ão profissionalizada para simplificar
S.



Alunos participantes da Maratona

A Maratona Intelectual Euclidiana

O médico Oswaldo Galotti e o professor de literatura brasileira Hersílio Ângelo estabeleceram decisivamente a confecção do formato da Semana Euclidiana com as feições segundo as quais a conhecemos hoje. Dirigida aos jovens secundaristas, a Maratona Intelectual Euclidiana faz-se realizar desde 1940. Alguns intelectuais, como o dr. Adelino Brandão, de Jundiáí, SP, percorrem o ciclo de promoções de maratonista, professor, chegando a coordenador do ciclo de estudos. Na Casa Euclidiana podem ser encontradas conferências proferidas de 1936 (Pedro Calmon) até 2000 (Éverton de Paula). Nomes de expressão cultural internacional encontram-se entre aqueles que proferiram a Conferência Oficial; a título de curiosidade arrole-se alguns; Afonso Arinos de Mello Franco (1940), Menotti del Picchia (1944), Cassiano Ricardo (1947), Plínio Salgado (1953), Alceu Amoroso Lima, o "Tristão de Athayde"(1957), José Calasans Brandão da Silva (1965), Dante Moreira Leite (1974), Francisco Foot Hardman (1989), Roberto Ventura (1995), [Berthold Zilly](#) (1997) [Regina Abreu](#) (1998), [Carmen Maschietto](#) (1999) e [Éverton de Paula](#) (2000)

Desfile de Abertura da Semana Euclidiana

O movimento euclidiano em São José do Rio Pardo gira em torno de um eixo com duas pontas: de um lado intelectuais e admiradores do trabalho de Euclides Cunha; de outro autoridades e empresários incentivadores da preservação do



importante movimento cívico. O **Desfile de Abertura** é, seguramente, seu momento popular de maior brilho!



Claro está o desenvolvimento o da Semana Euclidiana de São José do Rio Pardo, portanto. A cada ano que ocorrem diversas novas manifestações internas, com toda a sociedade organizada ansiosa por fazer-se

Dentro desta consideração, encontramos manifestações de cunho popular, esportivos e eventos voltados a propagação da vida e obra de Euclides da Cunha e(m) São José do Rio Pardo: exposições e feiras de livros e de artesanato, filmes e peças teatrais, recitações, concursos de dança e das mais diversas modalidades desportivas, nascidos todos dentro de uma perspectiva popular voltada a manter acesa a chama deste movimento.

No Desfile de Abertura ocorre a principal manifestação popular maciça de culto à vida e à obra de Euclides da Cunha, quando se apresentam Instituições estaduais de toda a região circunvizinha a São José do Rio Pardo e agremiações de maratonistas de dezenas de municípios paulistas.





Nele, todas as Instituições da sociedade organizada participam expressando diversas alegorias tudo o que simboliza a importância de Euclides da Cunha para a Cultura Brasileira, sempre fazendo um link com o que está acontecendo no Brasil contemporâneo.

As escolas fazem, desde as primeiras manifestações o cerne do brilho do Desfile e são caracterizados como Euclides da Cunha, conduzindo carros alegóricos alusivos à Canudos e à história da cidade, usualmente intercalados por fanfarras da região e bandas sinfônicas.

Além delas diversas empresas privadas têm participado também, num crescendo e dentre elas distinguem-se a [Nestlé](#), academias de dança e de atividades desportivas.

Sempre presentes, tanto no Desfile quanto em todos os eventos da Semana Euclidiana, a delegação de Cantagalo. Apenas em 1998 foram 30 representantes da terra natal de Euclides da Cunha, que tradicionalmente abrilhantam sua participação também com as melhores colocações na Maratona Intelectual Euclidiana.



Aqui cumpre ressaltar que lei municipal de ambas as cidades fazem delas, São José do Rio Preto e Cantagalo, cidades irmãs, cidades geminadas, mantendo frequentes contatos informativos, num intercâmbio turístico-cultural sem paralelo na história do Brasil.



Representantes das cidades de Euclides da Cunha e Quijingue, Bahia, fazem-se representar na Euclidiana anualmente. O primeiro na Maratona Intelectual Euclidiana sinal foi um aluno canudense!

Além dos representantes do local onde ocorreram os episódios narrados no capítulo "A Luta" em "Os Sertões", desde o início da década de 90 participam tanto do Desfile de Abertura quanto de todos os eventos da Semana Euclidiana os descendentes de Euclides da Cunha e de Francisco Escobar.



O Desfile, usualmente acontece nas ruas centrais da cidade.

A partir do que se apresenta no Desfile a comunidade, que vem em peso para o local, sabe-se como será o transcorrer da Semana Euclidiana. Somente em 1998 houve um público estimado em não menos de 20.000 pessoas!

Instituto de Pesquisas Sociais Euclides da Cunha



Euclides da Cunha e a história da cidade

Poucos personagens na história mundial deixaram o legado de um movimento assim significativo, capaz de mobilizar tantas pessoas por tão longo espaço de tempo, diga-se mais, à revelia de sua própria vontade.

A história de Euclides da Cunha, a história da república e a história da cidade de São José do Rio Pardo têm diversos pontos em comum. A temática desenvolvida por Euclides na em "Os Sertões" e seus desdobramentos funciona, principalmente, como uma poderosa síntese histórico-cultural do Brasil republicano recente. Obra de referência obrigatória ao conhecimento do Brasil e dos brasileiros, vertida, não por acaso, aos principais idiomas do mundo.

A existência de uma fé, de uma certeza, de uma segurança, traz coesão à tessitura social de um povo. Diz-nos José Carlos Mariátegui em "O Homem e o Mito" que mais poderosa e próspera é a Nação que consegue forjar uma visão multitudinária, abrangente do que seja sua existência histórica no mundo. Esta visão, a que toda a gente adere e na qual crê antes de qualquer possibilidade de crítica, dá a mensuração da força de uma gente, de um povo.

São exemplos do que aqui se expressa: idiomas, religiões, ideologias, etc. Tudo aquilo em que toda a gente de um povo se apega e com o que concorda antes mesmo que surja qualquer possibilidade de crítica. Um idioma, como "a última flor do Lácio, inculta e bela", não é questionado em seu uso cotidiano. Mais ainda, mesmo quando questionado em altos fóruns como este, o é apenas em alguns de seus aspectos, sendo o geral fundamental à mera compreensão do que se pretende transmitir em termos de informação. O mesmo ocorre na expressão das formas de vida religiosa ou no encaminhamento ideológico de um povo.

Como nascem os mitos? Esta questão se coloca ao rio-pardense no cotidiano de sua existência. Convivendo com um mito, precisa compreendê-lo. E na busca desta compreensão acaba-se descobrindo muito sobre civismo, patriotismo, convivência social, civilidade e todos os valores

sociais enfim que foram brilhantemente sintetizados pelos iluministas; na busca da compreensão do que seja este mito, portanto, acaba-se descobrindo o significado vivo de expressões como "Liberdade, Igualdade e Fraternidade".

Nossa história começa de maneira tradicional até. Dentro da circunscrição histórica situemos o momento do nascimento deste mito no instante em que no Brasil o café se firmava como principal produto da pauta de exportações, trazendo divisas para o país e chegava até o interior de São Paulo e Minas Gerais. Cumpre ressaltar mais uma vez que o carro-chefe da economia em uma nação informa o norte ao seu desenvolvimento político e social. O eixo Rio - São Paulo torna-se o centro ideológico do país, precisamente por ser o seu centro econômico. Do ponto de vista ideológico o orgulhoso positivismo ganhava os corações e mentes da república recente em nossa nação e dentro deste quadro de uma certa firmeza em economia oriunda de exportações agrícolas e uma nascente certeza na "Religião da Humanidade" surge uma divergência séria, que de repente torna-se a maior de todas as divergências nacionais. A orgulhosa república positivista nacional, com medo, quicá, do exemplo que famélicos fanáticos poderiam emprestar ao resto da nação, sufoca a existência da tentativa de implantação de uma pequenina sociedade dissidente no interior da Bahia com quatro expedições militares aparelhadas com equipamento de ponta para a época. Delenda Canudos era um dos motes da república, nenhum tipo de acordo possível com o que estava acontecendo por lá.

Euclides da Cunha vivenciou a transição do Império à República em pungentes episódios existenciais. Acompanhou pela imprensa e, ao término como o primeiro correspondente de guerra da história do Brasil, o desenrolar dos acontecimentos que tiveram lugar no interior da Bahia em fins do século passado. Em sua vida buscava a verdade, a transparência, e vivia e interpretava o mundo de acordo com o que propugnava o ideário positivista. Não poderia dar outra interpretação à Guerra de Canudos senão aquela que está consagrada numa das principais obras da literatura em língua portuguesa: "Os Sertões".

Medeiam quatro meses entre o término da guerra e a da queda de uma ponte sobre o rio Pardo, importante ponto de escoamento do café produzido à sua margem direita. Engenheiro enormemente capacitado, toma sobre si a incumbência de recompor a ponte em terreno mais firme. Desloca-se com a família para São José do Rio Pardo ali residindo durante três anos, período de duração dos trabalhos com a ponte e, segundo seu próprio relato epistolar, o mais produtivo período de sua existência.

Na pacata cidade, mais precisamente na cabana de zinco que faz construir à margem do rio Pardo, encontra Euclides da Cunha a tranquilidade necessária a dedicar-se ao principal trabalho de sua existência. De fato, o livro toma corpo em São José do Rio Pardo, de onde segue o escritor com

sua família para São Carlos do Pinhal e, de lá, para Lorena. E é em Lorena em 1902 que lhe chega a notícia da editora Laemmert de que o livro estava publicado. A repercussão da obra, dada a polêmica em torno do assunto e a proximidade dos fatos, além do potencial de perenização com a análise precisa de um momento da conjuntura que sintetiza diversas questões da formação social do brasileiro, conduzem Euclides da Cunha já em 1903 a ser eleito para a Academia Brasileira de Letras e para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em síntese, o livro traz a Euclides a fama imortal.

Em São José do Rio Pardo as informações em torno do percurso existencial de seu visitante mais ilustre propagam-se em todas as direções e de todas as formas. Por ali passou um poderoso emblema da nacionalidade, morou e conviveu com os rio-pardenses um ser humano que sintetiza o que é ser brasileiro em diversos aspectos, travou contato, dialogou e teceu laços de camaradagem com diversas pessoas da comunidade; mestres de obras, trabalhadores da ponte, em grande medida descendentes de italianos que migraram para substituir a mão-de-obra escrava na lavoura cafeeira mas tinham múltiplas habilidades, fornecedores de gêneros e serviços tanto à execução do labor público em que se esmerava (a reconstrução da ponte) quanto à sua própria casa, esposa e filhos, um dos quais nascido em São José do Rio Pardo, por sinal.

Lembrando-se sempre da cidade, escreve diversas cartas a Francisco Escobar, importante político do período, que exerceu o cargo equivalente ao de prefeito ao tempo em que Euclides esteve na cidade, seu principal interlocutor. De Lorena, a 14 de maio de 1902 escreve: "... Sempre planeei estar aí no dia 18, primeiro aniversário da ponte. Mas estarão você, o Álvaro, o João Moreira, o Jovino. Encaminhem-se para lá naquele dia, paguem uma cerveja (barbante) ao velho Mateus e recordem-se por um minuto do amigo agradecido ausente. Será uma bela comemoração. Neste país de esnobismo reles não desejo outras..." Já após receber o relato do amigo acerca dos festejos, em carta datada de Lorena, 22 de maio de 1902: "... Magnífico! A comemoração do aniversário da minha ponte ... não poderia ser melhor. Convirás em que eu nunca imaginei que lá aparecessem algumas centenas de indivíduos, que, com os foguetes, as bandeirolas velhas, o assovio dos moleques e os tabuleiros de doces, são a matéria-prima do que nesta costa d'África da América se chamam manifestações!... Não! sempre desejei aquilo: dois ou três amigos que ali chegassem e se lembrassem, durante algum tempo, de mim..."

Foto histórica de 1907 demonstra dois professores conduzindo seus alunos até a cabana de zinco onde o livro "Os Sertões" foi escrito. Euclides da Cunha ainda vivia e trabalhava ao tempo deste episódio.

Imagine-se um misto de Ayrton Senna com Antônio Houaiss no princípio do século. Este é o paralelo a ser feito. O falecimento trágico de Euclides da Cunha em 1909 traz para a comunidade que dele se recorda com tanto

carinho uma comoção social que poderia ser assim sintetizada. Um grande herói, emblema da nacionalidade e um grande intelectual brasileiro a um só tempo. Para o rio-pardense de 1909 o principal intelectual brasileiro, o maior herói, o principal emblema humano da nacionalidade deixou de existir na trágica manhã de 15 de agosto. Começa o movimento euclidiano protestando contra a impunidade do assassino do escritor e prestando honras e louvor à sua glória e ao seu trabalho.

A 15 de agosto de 1912 um grupo de pessoas decide-se a deslocar-se do prédio onde funcionava a sede administrativa da cidade até a cabana de zinco para recordar-se do amigo ausente. Este gesto marca o início da Semana Euclidiana de São José do Rio Pardo. Desde aquele instante até os nossos dias sempre se proferem palestras sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha na cabana de zinco à margem do rio Pardo naquela data.

Em espirais crescentes pontos da cidade são separados como traços de um grande monumento a rememorar ao povo que ali se cultua Euclides da Cunha: em 1918 o jornal O Estado de S. Paulo doou uma pedra granítica (peanha) na qual se afixou um medalhão com a efígie de Euclides da Cunha. Em 1928 a cabana de zinco recebe um tratamento especial e fica protegida sob uma redoma. Um hotel da cidade, de nome "Brasil", que recebeu hóspedes ilustres a proclamarem a república na cidade três meses antes de que ela acontecesse de fato no resto da nação, recebe manifestantes que rememoram o "Episódio Republicano" sempre na noite do dia 11 de agosto. Em 1946 a própria casa de serviu de moradia a Euclides da Cunha quando esteve na cidade é separada pelo Estado de São Paulo para sediar o movimento, guardando o acervo de livros, relíquias do escritor, fardas e armamento utilizado em Canudos e, mais que tudo, a organização histórica de conferências proferidas durante as muitas Semanas Euclidianas.

Em 1982 ocorre o traslado do Rio de Janeiro, do cemitério São João Batista, para São José do Rio Pardo, dos restos mortais de Euclides da Cunha e de Euclides da Cunha Filho (morto em circunstâncias similares às de seu pai). No Recanto Euclidiano hoje pode-se ver a Ponte Metálica, a Cabana de Zinco, o Medalhão e o Mausoléu, onde se afixou um placa em bronze com trecho de uma carta de Euclides da Cunha a Francisco Escobar dizendo: "Que saudades do meu escritório de sarrafos e zinco da beira do rio Pardo. Creio que se persistir nesta agitação estéril não produzirei mais nada de duradouro". A cabana de zinco fica consagrada como o "locus" máximo da criação euclidiana. A capital é meramente o ponto em que as pessoas se agitam estéreis sem nada conseguir produzir de duradouro. Patenteada, portanto, a gratidão do escritor à cidade em cujo seio tornou-se possível a efetivação do mais importante trabalho de sua vida.

Para o traslado do corpo, a aquiescência da família, dos descendentes do engenheiro escritor, foi fundamental. Participam seus descendentes, portanto, do movimento euclidiano com grande entusiasmo. Sim, contamos

com a presença dos representantes da família de Euclides da Cunha todos os anos durante a Semana Euclidiana e pelo menos uma vez viabilizou-se a ida de toda a família até São José do Rio Pardo.

Segundo manifestação explícita do euclidiano histórico Márcio José Lauria em gostosa tarde rio-pardense, precisamente à sombra de uma sibipiruna, na Praça Oliveiros Pinheiro às 16h do dia 23 de abril de 1999, "a originalidade das manifestações euclidianas está no fato de surgirem na linha do pessoal e, daí, evoluírem para o coletivo, para a preocupação social, dando à obra euclidiana uma atualidade até incômoda." Ainda segundo relato do euclidiano histórico, "o grande mérito do movimento euclidiano está em – paradoxalmente – não datar estas atualidades."

De fato, o movimento está sempre se renovando, com novas idéias, inserções e atualizações a cada instante. Durante muitos anos enfatizou-se o aspecto literário em Euclides da Cunha. Seus primeiros cultores visavam fundamentalmente garantir-lhe o seu lugar na literatura de língua portuguesa. Este momento superou-se e Euclides da Cunha hoje, pela sua obra, não cabe apenas no campo da literatura de língua portuguesa, embora este tenha sido "o pedestal de sua fama". Constitui-se num personagem de ponta na cultura brasileira. Muito pelo que produziu, ou pelo muito que produziu, mas a seguir pelo que em seu nome e em sua memória o fizeram seus cultores ao longo dos anos.

Quando estamos inseridos num determinado contexto histórico-sociológico, necessariamente precisamos respeitar e seguir determinados parâmetros, determinados pontos basilares da constituição em que nos inserimos. Saudações e expressões peculiares, posturas e comportamentos, ideário, gestual e até mesmo sentimentos são partilhados dentro desta dimensão... No caso específico do movimento euclidiano, por trazer consigo um norteamento cívico e ético acima e antes de tudo, é precisamente este aspecto da cultura especificamente brasileira que procura-se atualizar a todo o instante no seio do movimento, quer conscientemente, quer inconscientemente.

Também aqui, como em outros movimentos desta natureza, todos são convidados a aderir e posicionar-se em torno da temática proposta como melhor lhes aprouver. Já nas escolas de formação infantil ensina-se às crianças da cidade o hino que reza "... Serviu de berço para Os Sertões ... " Tem-se datas emblemáticas: o aniversário da cidade, comemorado religiosamente a 19 de março, dia de São José, o aniversário da ponte metálica, a 18 de maio, o dia de Euclides da Cunha, 15 de agosto. A estas datas, agregam-se as datas nacionais, patrióticas, o 25 de agosto(dia do soldado), o 7 de setembro(dia da Pátria), o 15 de novembro(proclamação da república) e o 19 de novembro (dia da bandeira). Tratamos de movimento multitudinário e, em assim sendo naturalmente as datas religiosas ou

sentimentalmente relevantes para a população merecem também o tratamento apropriado: o dia do trabalho, o Corpus Christi, etc.

Naturalmente que em todos os municípios encontram-se datas nacionais, estaduais, e municipais, mas raramente se encontra uma comemoração cívica que tenha a durabilidade de uma semana inteira de atividades, existindo há 87 anos ininterruptos. A existência da Semana Euclidiana em São José do Rio Pardo a singulariza enquanto municipalidade, e enquanto mesmo atualização de potencialidades.

O estranhamento de ser tratado como um euclidiano na cidade é logo compreendido: "assimilação a uma ideologia que ainda não se conhece apropriadamente". Como há, por parte dos euclidianos, a segurança, a firmeza de que a ideologia, o encaminhamento "euclidiano" é benéfico a quem adere e inócuo a quem não adere, tratamos a todos como euclidianos a todos os momentos.

E o que acontece então durante a Semana Euclidiana de São José do Rio Pardo? Tudo o que possa de alguma forma rememorar Euclides da Cunha, sua vida, sua obra, o civismo, o patriotismo, a ética, valores culturais. Há 87 anos seu centro são as palestras ou Conferências Oficiais sobre Euclides da Cunha. Com o passar dos anos mais conferências acontecem e o formato da Semana como a conhecemos hoje é definitivamente estabelecido na década de 40. Estuda-se história, filosofia, geografia, literatura, língua portuguesa e psicologia. As atividades voltadas a atender ao público ligado ao mundo das letras, contudo, atinge somente a uma parcela do coletivo euclidiano. Além desta há ainda outras camadas que se expressam e fruem crescimento intelectual, físico e espiritual dentro de suas habilidades, conhecimentos e crenças. Durante a Semana Euclidiana ocorrem exposições de arte, apresentações musicais populares e eruditas, competições desportivas, bailes, feiras de livros e de artesanato e a principal manifestação popular, o Desfile de Abertura, é preparado cuidadosamente pela municipalidade com meses de antecedência. Ocorrendo geralmente na manhã do dia 9 de agosto, neste ano excepcionalmente ocorrendo no domingo, dia 8, em atenção a uma solicitação do comércio, mobiliza todos os estudantes de todas as escolas da cidade e região circunvizinha, de Cantagalo, terra natal de Euclides da Cunha, onde existe um núcleo euclidiano, de Canudos, no interior da Bahia, onde tiveram lugar os eventos narrados no capítulo sobre "A Luta" do livro "Os Sertões". E empresas, agremiações desportivas, corporações militares, associações de moradores, toda a sociedade civil organizada, dentro da temática escolhida para a Semana Euclidiana daquele ano, apresenta o seu trabalho aos demais demonstrando o que ocorrerá durante os festejos no ano em pauta.

A Casa de Cultura Euclides da Cunha de São José do Rio Pardo, além de sediar o movimento euclidiano, foi pensada para tornar-se o ponto máximo de referência a toda a pesquisa em torno da temática "Canudos", assim

como da vida e trabalho de Euclides, o que está sendo estudado e viabilizado à medida mesmo em que propomos a sua transformação na Fundação Euclides da Cunha, a efetivar-se no próximo dia 15 de agosto.

Fica a proposta de realização de um grande congresso de Casas de Cultura que ostentam o nome de personagens relevantes para a nação brasileira. Casas de Euclides da Cunha, de Oswaldo Cruz, de Joaquim Nabuco, de Rui Barbosa, etc poderiam trocar experiências e informações relevantes numa reunião desta natureza, sem dúvida!

Com as mais cordiais

SAUDAÇÕES EUCLIDIANAS

Lázaro Curvêlo Chaves

Diretor da Casa de Cultura Euclides da Cunha 1997/20000

